

Não havia, assim, diferença formal entre o foliculário João Batista de Queiroz e o político Sales Torres Homem, deputado pelo Ceará, em 1842, e por Minas Gerais e Rio de Janeiro, em 1845 e 1848, exacerbado pela derrota dos praieiros, no ano seguinte, desabafando-se em seu tremendo libelo, para tornar-se conservador e titular da Fazenda, em 1858, como se tornariam barões e viscondes, após a agonia liberal, muitos dos mais combativos elementos democráticos da fase em que os pasquins se inseriram como forma específica de inconformismo. Que dizer, também, de Justiniano José da Rocha, de origem espúria como Sales Torres Homem, ao que parece, e mestiço como o futuro visconde de Inhomirim, formando sempre com os conservadores e por isso apontado, em nosso tempo, pela historiografia oficial, como “o maior dos nossos jornalistas”, porque defendeu, na imprensa e na tribuna parlamentar, os interesses do latifúndio, e que, tendo ousado atacar o marquês do Paraná, foi por este fulminado, compelido a confessar que era subornado, explicando a sua fraqueza com a modéstia da existência a que era obrigado, esclarecendo que sua mulher só pudera ter um vestido de seda em 1848? Justiniano escreveria, em 1855, o opúsculo *Ação, Reação, Transação*, na linha a que se subordinaria de serviçal da ordem vigente. Em que, na essência, se distinguia ele, quanto à ética, de um João Batista de Queiroz?

Em alguns centros, como S. Paulo, cidadezinha pacata a que o curso jurídico viria proporcionar a animação dos estudantes, e particularmente com o auxílio deles, a imprensa tomaria algum desenvolvimento. O *Amigo das Letras*, de 1830, surgiu do esforço de acadêmicos, dirigido por Josino do Nascimento Silva. A *Voz Paulistana*, órgão de oposição, foi redigido pelo estudante Francisco Bernardino Ribeiro. Em 1831, aparecia o *Correio Paulistano*, de José Gomes Segurado, de curta duração, e o *Novo Farel Paulistano*, de José Manuel da Fonseca e Francisco Bernardino Ribeiro, bi-semanário oficioso, sucedido, em 1835, pelo *O Paulista Oficial*, porta-voz do governo da província até março de 1838, dirigido por Emídio da Silva e substituído pelo *Paulista Centralizador*. Pouco depois, ainda em 1838, Feijó, tendo abandonado a Regência, fundou ali O *Observador Paulistano*, bi-semanário que circulou até o irrompimento da rebelião de 1842. Mais adiante apareceu *A Fênix*, de Clemente Falcão de Sousa e Joaquim José Pacheco, quando já se sucediam folhas as mais diversas, muitas delas redigidas por estudantes, como *O Paulista* e *O Federalista*, este de José Inácio Silveira da Mota. Como órgão oficial, apareceria *O Governista*, para substituir *O Paulista Oficial*, ao mesmo passo que o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar punha em circulação, antes e depois do movimento de 1842, alguns periódicos. Multiplicava-se a imprensa, com folhas satíricas ou